



## **NOBREZA COMPETITIVA NOS JOGOS OLÍMPICOS DE TÓQUIO: A DECISÃO DE BARSHIM E TAMBERI NÃO FOI UMA VERGONHA HISTÓRICA!**

Resumo - Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020/2021 provocaram sentimentos sui generis. Em razão disso, é possível conjecturar que o adiamento das Olimpíadas devido à pandemia de Covid-19, a preocupação com o risco de contaminação dos atletas, os rígidos protocolos de prevenção e controle, tal como os protestos contra a realização do evento, somados à apreensão característica de uma competição dessa magnitude, com efeito inflamaram os ânimos dos atores sociais. Nessa disposição, pode-se, por conseguinte, presumir que os Jogos foram categoricamente marcados por um desassossego sem precedentes, resultando em análises/declarações/eventualidades enviesadas, totalmente descontextualizadas, que acabam por desconsiderar o conjunto de valores que balizam o aclamado espírito olímpico. Sob esse prisma, chama-se aqui atenção ao artigo publicado no Jornal Folha de S. Paulo, na seção Opinião, em 2 de agosto de 2021, com o título 'Decisão de amigos de dividir ouro no salto em altura foi uma vergonha histórica'. Nele, o jornalista A. Barcinski, de modo contundente, critica o fato de os torcedores (espectadores) e grande parte da mídia celebrarem a atitude dos atletas Barshim, do Qatar, e Tamberi, da Itália, de dividirem o ouro na prova do salto em altura. Sendo assim, este artigo de opinião, em formato de ensaio, objetiva arquitetar uma argumentação que pondere a atitude dos atletas sob outro prisma. Assim, em virtude de o artigo de opinião ser um gênero textual de base expositivo-argumentativo, o mote da arguição ancora-se na tentativa de estabelecer um debate profícuo no intento de incitar uma reflexão mais abrangente, holística.

Palavras-chave: olimpismo; valores olímpicos; espírito competitivo; pandemia de Covid-19; ensaio.

## **COMPETITIVE NOBILITY IN TOKYO'S OLYMPIC GAMES: THE DECISION OF BARSHIM AND TAMBERI WAS NOT A HISTORICAL SHAME!**

Abstract – The 2020/2021 Tokyo Olympic Games provoked sui generis sentiments. For this reason, it is possible to conjecture that the postponement of the Olympics due to the Covid-19 pandemic, the concern with the risk of contamination of the athletes, the strict prevention and control protocols, such as the protests against the holding of the event, added to the apprehension characteristic of a competition of this magnitude, in effect inflamed the spirits of social actors. In this disposition, it can be assumed, therefore, that the Games were categorically marked by an unprecedented unrest, resulting in skewed, totally decontextualized analyses/statements/eventuals, which end up disregarding the set of values that guide the acclaimed Olympic spirit. In this light, attention is drawn to the article published in the Folha de S. Paulo newspaper, in the Opinion section, on August 2, 2021, entitled 'Friends' decision to share gold in the high jump was a historic shame'. In it, journalist A. Barcinski sharply criticizes the fact that fans (spectators) and much of the media celebrate the attitude of athletes Barshim, from Qatar, and Tamberi, from Italy, of sharing the gold in the show jumping in height. Therefore, this opinion article, in essay format, aims to build an argument that considers the attitude of the athletes in another light. Thus, because the opinion article is a textual genre with an expository-argumentative basis, the motto of the argument is based on the attempt to establish a fruitful debate in order to encourage a more comprehensive, holistic reflection.

Keywords: olympism; Olympic values; competitive spirit; Covid-19 pandemic; essay.

## **NOBLEZA COMPETITIVA EN LOS JUEGOS OLÍMPICOS DE TOKIO: ¿LA DECISIÓN DE BARSHIM Y TAMBERI NO FUE UNA VERGÜENZA HISTÓRICA!**

Resumen - Los Juegos Olímpicos de Tokio 2020/2021 provocaron sentimientos sui generis. Por ello, es posible conjeturar que el aplazamiento de las Olimpíadas por la pandemia Covid-19, la preocupación por el riesgo de contaminación de los deportistas, los estrictos protocolos de prevención y control, como las protestas contra la realización del hecho, sumado a la aprensión característica de una competencia de esta magnitud, en efecto enardeció los ánimos de los actores sociales. En esta disposición, se puede suponer, por tanto, que los Juegos estuvieron marcados categóricamente por un malestar sin precedentes, resultando en análisis / declaraciones / eventuales sesgados, totalmente descontextualizados, que terminan desconociendo el conjunto de valores que orientan el aclamado espíritu olímpico. En este sentido, se llama la atención sobre el artículo publicado en el diario Folha de S. Paulo, en la sección Opinión, el 2 de agosto de 2021, titulado 'La decisión de los amigos de compartir el oro en el salto de altura fue una vergüenza histórica'. En él, el periodista A. Barcinski critica duramente el hecho de que los aficionados (espectadores) y gran parte de los medios de comunicación celebran la actitud de los deportistas Barshim, de Qatar, y Tamberi, de Italia, de compartir el oro en el salto de altura. Por tanto, este artículo de opinión, en formato ensayo, pretende construir un argumento que considere la actitud de los deportistas desde otra perspectiva. Así, dado que el artículo de opinión es un género textual con base expositiva-argumentativa, el lema de la argumentación se basa en el intento de establecer un debate fructífero para propiciar una reflexión más integral y holística.

Palabras-clave: olimpismo; valores olímpicos; espíritu competitivo; pandemia de Covid-19; ensayo.

*Rafael Carvalho da  
Silva Mocarzel*

*professormocarzel@  
gmail.com*

*Universidade Federal do  
Rio de Janeiro, Brasil*

*Universidade de  
Vassouras, Brasil*

*Georgios Stylianos  
Hatzidakis*

*Trvisan Escola  
Superior de Negócios,  
Brasil*

*Carolina Goulart  
Coelho*

*Universidade de  
Vassouras, Brasil*

*Carlos Eduardo Rafael  
de Andrade Ferrari*

*Universidade do Porto,  
Portugal*

*[http://dx.doi.org/  
10.30937/2526-  
6314.v5.id136](http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v5.id136)*

*Recebido: 09 nov 2021*

*Aceito: 12 dez 2021*

*Publicado: 22 dez 2021*

## Considerações Iniciais

### Artigo ideado a partir da opinião de A. Barcinski, jornalista da Folha de S. Paulo

Notadamente, antes de entrar nos pormenores inerentes ao posicionamento do jornalista da Folha de S. Paulo, que vai de encontro à decisão dos atletas Barshim e Tamperi de dividirem o ouro no salto em altura, na 32.<sup>a</sup> edição dos Jogos Olímpicos (JO) de Tóquio 2020/2021, é preciso destacar duas questões centrais que norteiam o debate. A primeira, de modo a dar ênfase aos aspectos conceituais que formalmente estruturam um artigo de opinião, expressa que o mérito está em descortinar como determinado fenômeno ocorreu. A segunda, de cariz estritamente peculiar, expõe que a explanação em evidência não tem a pretensão de pôr em causa a figura do jornalista, ou seja, depreciar a pessoa do periodista. Assim, em virtude de o artigo de opinião ser um gênero textual de base expositivo-argumentativo, o mote da arguição ancora-se na tentativa de estabelecer um debate profícuo no intento de incitar uma reflexão mais abrangente, holística.

Aliás, a dinâmica que distingue as duas áreas, que permeia a relação jornalista-cientista social, é um dos fatores a serem considerados neste diapasão. Todavia, Carlos Ferrari<sup>1</sup>, debruçado exatamente sobre o liame jornalismo-jornalismo científico-cientista social, deixa transparecer que, apesar da importância do(s) periodista(s) no que tange à repercussão dos acontecimentos, a criticidade científica, a literacia epistemológica, bem como a relação com os procedimentos metodológicos a adotar, é que ajuízam a linguagem acadêmica, o teor crítico do cientista social. Apesar disso, Maria Minayo<sup>2</sup>, na esteira desse debate, alega que “[...] a cientificidade não pode ser reduzida a uma forma determinada de conhecer; ela pré-contém, por assim dizer, diversas maneiras concretas e potenciais de realização (p. 11)”. E mais: “A cientificidade, portanto, tem que ser pensada como uma ideia reguladora de alta abstração e não como sinônimo de modelos e normas a serem seguidos (p. 12)”<sup>2</sup>.

No entanto, independentemente da área, da linha paradigmática assumida, há de se convir de que os JO de Tóquio, por todos os embrolhos que envolveram a sua realização, provocaram sentimentos *sui generis*. Em razão disso, é possível conjecturar que o adiamento das Olimpíadas devido à pandemia de Covid-19, a preocupação com o risco de contaminação dos atletas, os rígidos protocolos de prevenção e controle, tal como os protestos contra a realização do evento, somados à apreensão característica de

uma competição dessa magnitude, com efeito, inflamaram os ânimos dos atores sociais. Nessa disposição, pode-se, por conseguinte, presumir que os Jogos foram categoricamente marcados por um desassossego sem precedentes, resultando em análises/declarações/eventualidades enviesadas, totalmente descontextualizadas, que acabam por desconsiderar o conjunto de valores que balizam o aclamado espírito olímpico (sem querer generalizar, é claro).

Cita-se, a título de exemplo, as afirmações, em tom sexista, do então presidente do Comitê Organizador dos Jogos, Yoshiro Mori, Primeiro-Ministro do Japão entre 2000 e 2001. Em função das alegações machistas que subjugarão a figura, ou melhor, a condição feminina<sup>3</sup>, renunciou ao cargo após grande repercussão negativa, sobretudo, nas redes sociais. Cita-se, ainda, a acusação de plágio, que levou os organizadores a abdicarem da primeira logomarca dos Jogos, devido ao desenho ter formas muito semelhantes ao logotipo do Teatro de Liège, na Bélgica, conforme denúncia feita pelo *designer* Olivier Debie, inventor da marca<sup>4,5</sup>.

Contudo, como reportado anteriormente, chama-se aqui atenção ao artigo publicado no *Jornal Folha de S. Paulo*, na seção *Opinião*, em 2 de agosto de 2021, com o título ‘Decisão de amigos de dividir ouro no salto em altura foi uma vergonha histórica’<sup>6</sup>. Nele, o jornalista A. Barcinski<sup>6</sup>, de modo contundente, critica o fato de os torcedores (espectadores) e grande parte da mídia celebrarem a atitude dos atletas Barshim, do Qatar, e Tamperi, da Itália, de dividirem o ouro na prova do salto em altura. Segundo o periodista, a “história de Barshim e Tamperi rendeu incontáveis horas de suspiros na TV, mas passou longe de ser um grandioso exemplo de espírito olímpico (p. 1)”<sup>6</sup>.

Sendo assim, este artigo de opinião, em formato de ensaio, objetiva arquitetar uma argumentação que pondere a atitude dos atletas sob outro prisma. Para tanto, subdividiu-se o texto em quatro tópicos. No primeiro tópico, recorre-se a um breve introito que visa basicamente a apresentar o posicionamento do jornalista em face da paisagem social dos JO de Tóquio. No segundo tópico, busca-se realizar uma breve exposição acerca dos valores olímpicos, fomentando um bosquejo no estado da arte. No terceiro, enfatiza-se o desenvolvimento da argumentação, cujo intuito é lançar luz sobre os princípios que respaldam a decisão dos atletas em perspectiva. Finalmente, no quarto

tópico, apresenta-se uma consideração final tendo como epígrafe um pensamento Carl Lewis.

## **Estado da Arte**

### **Uma breve exposição acerca dos valores olímpicos**

Ao escrever sobre valores, deve-se reforçar que ‘valores’ são os princípios e convicções básicas que todos têm, acreditam e que guiam comportamentos. Os valores definem as normas pelas quais as ações são consideradas boas e desejadas. Um conjunto de valores é definido por princípios fundamentais. No Olimpismo, os Princípios Fundamentais são estabelecidos na Carta Olímpica. O primeiro princípio fundamental destaca que “o Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina de forma equilibrada as qualidades do corpo, da vontade e do espírito. Aliando o desporto à cultura e à educação, o Olimpismo é criador de um estilo de vida fundado no prazer do esforço, no valor educativo do bom exemplo, na responsabilidade social e no respeito pelos princípios éticos fundamentais universais (p. 16)”<sup>7</sup>.

O referido documento destaca os três valores fundamentais do Olimpismo: A Excelência, O Respeito e a Amizade. No caso que aqui está se discutindo, ambos os atletas seguiram à risca o que cada um dos valores prega, passando os atletas Barshim e Tamperi a serem exemplos a serem seguidos, pois, ao decidirem ambos receber a medalha de ouro, assim destacaram sua importância, como exposto a seguir.

Excelência é dar o melhor de si no campo de jogo. O mais importante não é ganhar, mas participar, progredir e se beneficiar da combinação saudável do corpo, do espírito e da vontade. Ambos os atletas disputaram ferrenhamente a medalha, chegando ao seu limite máximo, empatando após as três tentativas de salto. Configurando, assim, respeito por si próprio e pelo próprio corpo, mas também respeito pelos outros, pelas regras e regulamentos e pelo desporto.

E amizade, que está no coração do Movimento Olímpico, pois ela encoraja a considerar o desporto como uma ferramenta para o entendimento mútuo entre os indivíduos e pessoas ao redor do mundo. Barshim e Tamperi valorizaram a amizade existente entre ambos, apresentando um grande exemplo para os competidores e espectadores. Além de seguirem à risca os Valores Olímpicos, ambos confirmaram a atualização do lema dos Jogos Olímpicos ‘*Citius, Altius, Fortius, Communiter*’ – ‘mais

rápido, mais alto, mais forte, juntos’. Assim, não é equivocado dizer que possivelmente Barshim e Tamberi entraram na Galeria de Exemplos Olímpicos.

### **Desenvolvimento da argumentação**

#### **A decisão de Barshim e Tamberi não foi uma vergonha histórica!**

Ao se refletir sobre as opiniões expressadas na reportagem de A. Barcinski, se pôde de ali extrair tópicos e trazê-los aqui para discussão por meio da análise do seu discurso<sup>8</sup>. Importante dizer que alguns desses tópicos são apresentados aqui com algumas contestações, onde se busca expor as divergências de opinião de forma embasada na literatura especializada do tema em questão.

Inicialmente, o jornalista tece seu texto destacando um fato inegável: “Os Jogos Olímpicos sempre foram marcados por histórias de superação e conquistas, de atletas extraordinários vencendo seus limites e os adversários (p.1)”<sup>6</sup>. É um dado histórico e uma peculiaridade mais que insofismável que o fenômeno do esporte competitivo de alto rendimento busca, em si, a vitória. Indo além, a vitória é uma conquista que perpassa a superação dos adversários. De fato, um atleta de alto rendimento, de excelência, almeja a superação até de si mesmo, alcançando patamares cada vez mais cumeeiros, quebrando recordes e elevando ainda mais as capacidades estéticas atléticas humanas. Acredita-se que foi nessa guisa que A. Barcinski repousou a base de todas as suas críticas.

Entretanto, traz-se aqui um argumento que, em um primeiro momento, pode soar como algo que apoia a ideia do jornalista; contudo, progressivamente, ficará claro que, na verdade, tal questão se afasta do argumento defendido por ele. Ao discorrer tal crítica, o jornalista analisou apenas parte do cenário em questão. Aparentemente, sua fala nos sugere que ele se esqueceu que tudo isso aconteceu no solo de Tóquio, enquanto sede de uma edição dos nobres JO. É indubitável que os JO são o evento de maior apresentação de desempenho atlético da humanidade. Contudo, é nesse evento também que se apresenta em seu auge algo muito maior que a vitória desportiva: os princípios fundamentais e os valores do movimento olímpico. Tais princípios e valores trazem à luz, através do desporto, a fraternidade entre os povos, abarcando a união e amizade para além do resultado competitivo em si<sup>9</sup>. Os valores aqui destacados estão

muito bem clareados na áurea Carta Olímpica, que, enquanto documento, perfaz-se como a base constitucional do movimento do Olimpismo<sup>10</sup>.

Ainda assim, é importante esclarecer que se entende aqui o apreço dado pelo jornalista ao viés competitivo dos esportes de alto rendimento. Porém, é igualmente valioso relembrar o que ensinou o saudoso professor Manuel Ferreira Patrício em sua perspectiva de uma educação axiológica: “O valor não apenas é valor; ao mesmo tempo, o valor tem valor. Alguns valores têm mais valor do que outros: nesta realidade assentam todas as classificações dos valores (p. 66)”<sup>11</sup>. Insiste-se que o intuito não é o de desprestigiar o espírito competitivo; afinal, tanto *Arete* quanto *Agon* são indissociáveis no fenômeno esportivo<sup>12,13</sup>. No entanto, é dito pelo próprio jornalista que os atletas por ele criticados não deixaram de competir. Eles conseguiram, sim, alcançar, através de suas capacidades atléticas máximas, um salto de marca fenomenal. Poderiam, sim, dar continuidade à competição, mas o fato é que ambos dão a entender que o espírito olímpico transcende a pista e está genuinamente presente no âmago dos verdadeiros atletas.

Outra questão, discutida a seguir, recai no tópico em que o jornalista critica o fato de os atletas serem amigos de longa data, dando a entender que tal situação prejudicou o espetáculo esportivo que os desportistas integravam: “A decisão de Barshim e Tamperi rendeu incontáveis horas de suspiros e textos piegas na cobertura de TV, e um tsunami de memes de coraçãozinho na web, mas, no âmbito esportivo, foi uma vergonha histórica (p. 1)”<sup>6</sup>. Sob uma perspectiva da estética do desporto, bem como sob os valores fraternais do movimento olímpico já anteriormente aqui elevados, defende-se que tal amizade não maculou a competição, mas sim tornou a mesma mais bela e comovente, tendo em conta a emoção que a situação ímpar e singular aflorou nos espectadores e nos próprios atletas. Esse momento, sob lentes filosóficas, antropológicas e desportivas, traz uma conjuntura de miscigenações entre o *Homo Sportivus*<sup>14</sup>, com seu desempenho atlético fantástico, o *Homo Aestheticus*, com o aflorar da sensibilidade humana<sup>15</sup>, o *Homo Politicus*, buscando a resolução de conflitos em prol da harmonia social<sup>16</sup>, e o *Homo Ludens*, expressando sorriso e alegria em momentos lúdicos no dia a dia<sup>17</sup>.

Por fim, nos momentos derradeiros do texto, Barcinski expressa a seguinte frase: “O que muitos consideraram um lindo gesto de amizade e espírito esportivo, para outros

pareceu a apoteose do egoísmo (p. 1)”<sup>6</sup>. Após vários momentos de reflexão, levanta-se aqui a dúvida: quem são os sujeitos que o jornalista afirma terem considerado o gesto dos atletas um ato de egoísmo? Os sujeitos de tal achismo não se tornam tangíveis, não se fazem aparentes e personificados. Mantêm-se ocultos sob o véu da narrativa do jornalista. Eis que, imediatamente, na frase seguinte, o jornalista conclui o texto com sua frase final: “Eu adoraria ter visto os dois amigos disputando o ouro num último salto. Isso, sim, seria um grandioso exemplo de espírito olímpico (p. 1)”<sup>6</sup>.

Nesse caso, ao se analisar as palavras de conclusão do jornalista, através de uma análise do discurso<sup>8</sup>, fica evidenciado que o sujeito oculto se faz presente na própria pessoa do periodista. Ou seja, ele foi a pessoa que ficou descontente com o ato dos atletas em questão. O que o jornalista novamente deixa de perceber é que, na verdade, é ele quem está manifestando seu egoísmo ao querer decidir quais deveriam ser as ações dos desportistas, tendo em vista sua única certeza (e que está equivocada, diga-se de passagem): a que o esporte é apenas uma competição. Diante disso, pode-se, portanto, pressupor que para Barcinski as disputas se fazem como o objetivo maior do evento seu fim.

Todavia, no que tange ao processo que constitui toda a complexidade e compleição do fenômeno humano que é o esporte, o referido jornalista muito se engana. O esporte abrange espectros humanos muito mais profundos do que apenas a competição em si como seu fim. É sob essa guisa que Bento e Bento<sup>18</sup> esclarecem que o desporto categórica e “essencialmente pertence ao domínio do simbólico e ‘artístico’: cumpre objetivos educativos, sociais, filosóficos e culturais, éticos, estéticos e morais. Serve o processo civilizador, isto é, visa melhorar o índice de civilização (p. 51)”. Logo, fica esclarecido que o jornalista em questão tem uma opinião muito torpe e equivocada sobre a situação ocorrida, pois visivelmente suas informações eram rasas sobre o que são o fenômeno do esporte e o movimento olímpico, tais como os seus valores e princípios.

Não obstante, alerta-se aqui, nessa fase decisiva da argumentação, que o jornalista precisa ter maior atenção aos seus radares emocionais, pois sua insatisfação pessoal, aliada à abertura que possui para escrever em um veículo midiático de alto impacto, podem criar uma onda de informações errôneas. Espera-se que o jornalista em questão não tenha feito tal ato de má fé; caso contrário, esse gesto se configuraria como

um oportunismo, algo que, aí sim, seria um exemplo mais que óbvio e transparente da manifestação egoística humana que ele, sim, teria manifestado.

À vista disso, em síntese, optou-se aqui por dispensar o texto escrito por Barcinski e privilegiar o artigo intitulado ‘A história mais bonita da Olimpíada de Tóquio’, publicada pela revista *Veja*, em 2 de agosto de 2021, escrita por Fábio Altman. Nela, o periodista, diferentemente de A. Barcinski, exalta a nobreza competitiva dos atletas, quando descreve o evento: “Eles dividiram o primeiro lugar do salto em altura, numa decisão olímpicamente fraterna. As bandeiras dos dois países subiram, lado a lado. Os dois hinos foram tocados. E, para coroar um instante especial, um pôs a medalha no pescoço do outro (p. 1)”<sup>19</sup>.

### **Considerações Finais**

Em uma sociedade competitiva como a nossa, individualista e excludente, que valoriza cada vez mais o sucesso e a vitória, a leitura de um artigo de opinião como o apresentado aqui não gera espanto. Esse tipo de pensamento sobre os jogos e atividades esportivas se reflete no desconhecimento e/ou no desvalor da filosofia dos JO, que faz dos esportes um instrumento de promoção da paz, da união, do respeito às regras e aos seus adversários em prol da construção de um mundo melhor, através da integração cultural pelo esporte. Os princípios do Olimpismo podem e devem ser entendidos como uma filosofia esportiva e, por que não, uma filosofia de vida em que a vivência prática desses valores possam ultrapassar as fronteiras das quadras e arenas esportivas e influenciar a vida de todos os amantes do esporte.

Os JO de Tóquio foram históricos em diversos aspectos. Ocorreram tardiamente por conta da pandemia da Covid-19, que compulsoriamente fez com que os jogos fossem adiados para o ano seguinte; e quando ocorreu, foi em condições totalmente diferentes do contexto dos jogos, sem público, sem a vibração dos espectadores, contando apenas com os integrantes das equipes olímpicas nas competições e, sobretudo, pela conduta dos atletas diante das competições, como o exemplo aqui trazido dos atletas que decidiram dividir a medalha de ouro, proporcionando mais um acontecimento histórico nessa edição dos JO.

No momento em que uma pandemia devastadora assola o mundo, ceifando milhões de vidas, assistir aos JO e deparar-se com atletas demonstrando respeito,

Mocarzel RCS, Hatzidakis GS, Coelho CG, Ferrari CERA. Nobreza competitiva nos Jogos Olímpicos de Tóquio: a decisão de Barshim e Tamperi não foi uma vergonha histórica! *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2021;5:197-206.

solidariedade, consciência de seu papel e fazendo jus aos ideais do olimpismo não é um momento de vergonha, e sim de nobreza. E mais ainda: de esperança histórica, depositando na humanidade a crença de que dias melhores virão. À luz das palavras de Carl Lewis, “é tudo sobre a jornada, não o resultado (Informação verbal)”<sup>20</sup>.

## Referências

- 1 Ferrari CERA. O lugar da Educação Física na Escola Cultural. Estudo elaborado a partir da realidade de duas escolas *sui generis* do Porto e do Rio de Janeiro [tese]. Faculdade de Desporto. Porto: Universidade do Porto, 2020.
- 2 Minayo MCS. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994. p 9-30.
- 3 Bourdieu P. A dominação masculina. Rio de Janeiro, Brasil: Bertrand, 2002.
- 4 Kiyoshi T, Park J. Yoshiro Mori se desculpa de novo e renúncia por comentários sexistas. Agência Brasil, Seção Esportes [citado 15 set. 2021]. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2021-02/yoshiro-mori-se-desculpa-de-novo-e-renuncia-por-comentarios-sexistas>.
- 5 Veja. Tóquio descarta logo das olimpíadas de 2020 após acusações de plágio. Revista Veja. Seção Esportes. [citado 15 set. 2021]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/esporte/toquio-descarta-logo-das-olimpiadas-de-2020-apos-acusacoes-de-plagio/>.
- 6 Barcinski A. Decisão de amigos de dividir ouro no salto em altura foi uma vergonha histórica. *Jornal Folha de São Paulo*. Seção Opinião. [citado 15 set. 2021]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/08/decisao-de-amigos-de-dividir-ouro-no-salto-em-altura-foi-uma-vergonha-historica.shtml>.
- 7 Comitê Olímpico Internacional. Os fundamentos de educação aos valores olímpicos – Um programa baseado no desporto. Lausane: Fundação Olímpica para a Cultura e o Patrimônio, 2017. p. 16.
- 8 Bardin L. Análise de conteúdo Lisboa: Edições 70, 2004.
- 9 Rubio K. Do olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. *Rev. paul. Educ. Fís.* 2002;16(2): 130-143.
- 10 Comitê Olímpico Internacional. Carta Olímpica. Lisboa: Instituto Português de Desporto e Juventude, 2011.
- 11 Patrício MF. Lições de axiologia educacional. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- 12 Rubio K, Carvalho AL. Areté, fair play e o movimento olímpico contemporâneo. *Revista Portuguesa de Ciências do desporto*. 2005;5(3): 350-357.
- 13 Gumbrecht HU. Elogio da beleza atlética. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- 14 Tubino MJG. Por que homo sportivus? In: Tubino MJG, Capinussú JM, Ferreira VLC. Ferreira. (orgs.). *Homo sportivus* - coleção especial de educação física e desportos. Rio de Janeiro: Palestra edições esportivas, 1990. p. 1-2.
- 15 Ferry L. *Homo Aestheticus* – a invenção do gosto na Era Democrática. Coimbra: Almedina, 1997.
- 16 Aristóteles. Política. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- 17 Huizinga J. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- 18 Bento JO, Bento HC. Desporto e valores: uma aliança natural carecida de renovação. 42nd Conference of the IAPS-International Association for the Philosophy

Mocarzel RCS, Hatzidakis GS, Coelho CG, Ferrari CERA. Nobreza competitiva nos Jogos Olímpicos de Tóquio: a decisão de Barshim e Tamberi não foi uma vergonha histórica! *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*. 2021;5:197-206.

of Sport & Ist Conference of the ALFID-Asociación Latina de Filosofía del Deporte, Natal, Brasil, 3-6 setembro de 2014.

19 Fábio Altman. A história mais bonita da Olimpíada de Tóquio. São Paulo/Brasil: Revista Veja, Seção esportes [citado 17 set. 2021]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/imagem-do-dia/a-historia-mais-bonita-da-olimpiada-de-toquio/>.

20 A Tarde Online. Carl Lewis, atleta de atletismo e multi-medalhista olímpico [citado 16 set. 2021]. Disponível em: <https://atardeonline.com.br/frases-sobre-jogos-olimpicos/>.